



FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO
Biblioteconomia e Ciência da Informação

Heloisa Lopes Barbosa
Karen Torres da Rosa

A “Carta pras Icamíabas” e suas nuances

São Paulo
2020

Heloisa Lopes Barbosa
Karen Torres da Rosa

A “Carta pras Icamias” e suas nuances

Trabalho temático apresentado ao curso de graduação de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, como exigência para a conclusão do primeiro semestre.

São Paulo
2020

RESUMO

O trabalho foi realizado a partir da obra *Macunaíma*, publicada em 1928, e escrita por Mário de Andrade. Tem-se o intuito de abordar o capítulo “Carta pras Icamíabas”, no qual Macunaíma escreve sobre sua chegada à São Paulo de um jeito bem rebuscado e prolixo, que destoia do restante da obra. Ela foi escrita de tal forma devido aos costumes dos paulistanos. Portanto será feita a análise do comportamento dos paulistanos e as críticas de Mário de Andrade por meio desse capítulo.

Palavras-chave: *Macunaíma*. Carta pras Icamíabas. São Paulo. Paulistanos.

ABSTRACT

This paper was based on the work *Macunaíma*, published in 1928, and written by Mário de Andrade. It is intended to address the chapter "Carta pras Icamíabas", in which *Macunaíma* writes about his arrival in São Paulo in a very far-fetched and prolix way, which differs from the rest of the work. It was written in such a way due to the Paulistanos' customs. Therefore, an analysis of the Paulistanos' behavior and Mário de Andrade's criticisms through this chapter will be made.

Keywords: *Macunaíma*. Letter to the Icamíabas. São Paulo. Paulistan.

Sumário

1 Introdução.....	6
2 A “Carta pras Icamabas”	8
3 Paulistanos	11
4 Prostituição	12
5 Conclusão.....	14
Referências.....	16

1 Introdução

Mário Raul Moraes de Andrade, mais conhecido como Mário de Andrade, nascido em 1893, publicou seu primeiro livro em 1917 (ano da morte de seu pai), intitulado “Há uma Gota de Sangue em Cada Poema”, mas ganhou fama com seu livro de poesias “Paulicéia Desvairada” de 1922. O autor foi um dos pioneiros na poesia moderna brasileira e um dos principais nomes da Semana de Arte Moderna.

Escreveu *Macunaíma* em seis dias, no ano de 1927, em uma chácara na região paulista de Araraquara, chamada de fazenda do “tio Pio”. Essa obra foi publicada em 1928 e, apesar de não ter sido considerada uma grande obra na época, hoje é conceituada como um clássico, sendo inclusive recomendação de leitura para os vestibulares.

Macunaíma: o Herói sem Nenhum Caráter retrata a vida de Macunaíma, nascido no fundo do mato-virgem, filho do medo e da noite, criança birrenta, com uma mente ardilosa e principalmente uma criança preguiçosa. Passa parte da sua vida em uma tribo amazônica. Tem dois irmãos, Maanape e Jiguê, e é um menino bem diferente de seus similares.

Apaixona-se pela índia Ci, a Mãe do Mato, sendo seu único amor, que gerou seu único filho, morto de forma prematura. Devido a esse acontecimento, Ci decide morrer e, por um cipó, sobe aos céus, se transformando em uma estrela, mas antes de partir ela deixa a pedra de muiraquitã (amuleto da sorte). Macunaíma perde esse amuleto e descobre que ele foi levado pelo gigante Piaimã, que morava em São Paulo, é aí que Macunaíma e seu irmão decidem ir para a capital paulista em busca do amuleto.

Macunaíma vive diversas aventuras nas terras paulistanas do sudeste do Brasil, então ele decide escrever uma carta para suas súditas, para contar sua história sobre a perda da muiraquitã. No livro, a carta faz parte de um capítulo que recebeu diversas críticas de autores conhecidos da época por usar uma linguagem diferente do restante da trama, já que Andrade deixa de usar a linguagem coloquial, utilizada em toda obra, para optar por uma linguagem culta. Entretanto, essa carta é hoje reconhecida como um trecho excepcional, que traz as impressões do herói relativas a São Paulo e aos costumes dos paulistanos.

Tendo em vista o rumo da rapsódia, este trabalho visa compreender as principais finalidades do capítulo “Carta pras Icamiabas”, tão controverso entre os estudiosos, e como a sua análise expressa as opiniões de Mario de Andrade acerca dos paulistanos e da prostituição na década de 1920. Evidentemente, outras partes do livro também podem ser analisadas com esse objetivo, mas no capítulo citado o autor revela seu ponto de vista por meio da escrita de um índio, alguém alheio à cidade e cuja visão é imparcial sobre qualquer aspecto da civilização.

O que Macunaíma diz sobre suas vivências naquele lugar, certamente é uma crítica do autor da obra.

Assim, este trabalho está dividido a fim de discutir, primeiramente, o capítulo da Carta pras Icamíabas, destacando os meios em que o autor menciona as prostitutas e os costumes da população paulistana. Isto posto, serão abordadas essas duas temáticas a partir da visão de Macunaíma, para então concluirmos como Mário de Andrade compreende o papel das prostitutas na sociedade paulistana.

2 A “Carta pras Icamiabas”

O capítulo IX, A “Carta pras Icamiabas”, é uma carta redigida pelo personagem Macunaíma às Icamiabas de seu império, ou seja, às mulheres Amazonas. Nessa carta, ele narra sua história, de como sua muiraquitã foi roubada pelo paulistano Venceslau Pietro Pietra, o grande Piaimã, sobre sua chegada à cidade de São Paulo à procura do talismã até o dia da escrita da carta.

Esse capítulo é uma divisão de opiniões no mundo literário, devido à sua incoerência com o restante da obra. A linguagem que consta no capítulo causa estranheza, pois é quinhentista, muito diferente do que se lê no restante do livro. Manuel Bandeira atenta, em uma carta ao amigo Mário, sobre suas impressões a respeito da obra e comenta:

Tem mais; ainda mesmo que eu achasse cabimento na carta e naquela linguagem, a carta em si me cecateia: era preciso que estivesse escrita com a ingênua gostosura de ridículo com que se expressam o Çaudelino e outros colaboradores da Revista de Língua Portuguesa: você falhou em sua sátira: dá a impressão de uma pessoa que, quer arremendar outra e não acerta: não há nada de mais desengaçado (MORAES, 2000, p. 365).

No entanto, para o autor a carta é um ponto crucial, que ele caracteriza como o *intermezzo* da rapsódia. Como dito, ele é o capítulo IX, ou seja, encontra-se na metade da narrativa. Segundo Maria Augusta Fonseca, a carta é

uma espécie de “silêncio” da narrativa oralizada, em que o herói Macunaíma escreve uma carta para as índias do “mato virgem”. (...) Mário sempre argumentou entusiasmado a favor, e entendia que a Carta não deveria ser considerada em si, como capítulo autônomo. (FONSECA, 1988, p. 278-279)

Macunaíma usa essa linguagem tão formal e antiga (lembra à época em que os portugueses chegaram ao Brasil, em 1500) que aprende em São Paulo, pois ele quer compartilhar com as Icamiabas o quão culto ele tem se tornado e, por isso, superior a elas, analfabetas. Contudo, esse capítulo se torna cômico ao notarmos os erros na escrita, a mistura com o Tupi e o uso exagerado de citações de intelectuais antigos. No trecho a seguir, o herói compartilha com suas receptoras o motivo de os paulistanos escreverem dessa forma, tão diferente da linguagem falada:

Ora sabereis que a sua riqueza de expressão intelectual é tão prodigiosa, que falam numa língua e escrevem noutra. Assim chegado a estas plagas hospitalares, nos demos ao trabalho de bem nos inteirarmos da etnologia da

terra, e dentre muita surpresa e assombro que se nos deparou, por certo não foi das menores tal originalidade linguística. Nas conversas utilizam-se os paulistanos dum linguajar bárbaro e multifário, crasso de feição e impuro na vernaculidade, mas que não deixa de ter o seu sabor e força nas apóstrofes, e também nas vozes do brincar. Destas e daquelas nos inteirâmos, solícito; e nos será grata empresa vô-las ensinarmos aí chegado.
(ANDRADE, 2017, p. 65).

Nesse fragmento, Macunaíma expôs o motivo que o fez escrever de um modo tão formal. Ele e seus irmãos quiseram fazer parte da cultura paulistana, ou melhor, civilizatória, desde o momento em que chegaram à cidade moderna e, por isso, aprendeu tanto a língua falada quanto a escrita. Ainda que essa carta seja uma sátira de Mário de Andrade à divisão da língua, como se fossem duas línguas diferentes, não podemos nos esquecer do autor da carta e dos sentimentos que o levaram a escrevê-la e que fez parte da história. Ao ler a carta integralmente, fica claro o objetivo de Macunaíma em pedir dinheiro às Amazonas. Por isso, não nos estranha que ele tente ser tão formal e tão atencioso com as Amazonas ao dizer que é grato em ensinar as línguas da cidade para elas, mesmo sem saber se elas tinham interesse. Tanto a forma do texto quanto seu conteúdo foram criados para seduzir seu leitor (as Amazonas) para que ele note o valor do emissor e de sua demanda.

A demanda de Macunaíma na carta é dinheiro para poder se divertir com as “donas de cá”. O protagonista passa grande parte da obra “brincando”, ou seja, tendo relações sexuais com diversas mulheres, o que para ele era natural e ingênuo. Quando Macunaíma chega em São Paulo, esse tema não é mais abordado de forma natural ou ingênua, pois ele passa a ser obrigado a pagar para “brincar”, revelando que as “donas de cá”, mulheres com as quais o personagem tem relações, são prostitutas. Segundo o personagem, redator da carta:

(...) as donas de cá não se derribam a pauladas, nem brincam por brincar, gratuitamente, senão que as chuvas de vil metal, repuxos brasonados de champagne, e uns monstros comestíveis, a que, vulgarmente, dão o nome de lagosta. (...) é com esse delicado monstro, vencedor dos mais delicados véus paladinos, que as donas de cá tombam nos leitos nupciais. Assim haveis de compreender de que alvissaras falâmos; porque as lagostas são caríssimas, caríssimas súbditas, e algumas hemos nós adquirido por sessenta contos ou mais; o que convertido em nossa moeda tradicional, alcança a vultosa soma de oitenta milhões de bagos de cacau [...] (ANDRADE, 2017, p. 58).

Macunaíma explica, no trecho acima, que as mulheres paulistanas são diferentes, pois não tratam o sexo como uma vontade natural, tanto dos homens quanto das mulheres. As que se prontificam a fazê-lo, não fazem porque querem, mas em troca de dinheiro. Ele diz

às Icamabas que ele precisa então de mais bagos de cacau, moeda de seu Império, para continuar a satisfazer esse desejo natural e continuar a busca pela muiraquitã.

Portanto, foi demonstrado nessa seção que os temas do costume dos paulistanos e das prostitutas são fundamentais na “Carta pras Icamabas”. Em primeiro lugar, o fato de Macunaíma ter escrito uma carta às Icamabas já evidencia que o personagem, um indígena, deixou-se envolver pela cultura da cidade, pois na sua não há alfabetização, todas as mensagens são enviadas de forma oral. As prostitutas também são um tema central na carta, visto que Macunaíma a escreve para pedir dinheiro para pagá-las. Além disso, ele ainda as coloca em um patamar mais elevado que as Icamabas ao dizer que, assim como as paulistanas aprenderam os costumes das francesas, as Icamabas deveriam aprender com as paulistanas.

3 Paulistanos

Até aqui, foi possível notar que a carta significou, dentre seus vários sentidos, uma expressão de como Macunaíma se esforçou para se integrar aos costumes dos paulistanos. No entanto, como observa Maria Augusta Fonseca, há uma mistura entre a linguagem culta, a tentativa em citar vários autores da cultura portuguesa e termos da sua própria cultura tupi. O excesso que notamos na escrita de Macunaíma representa aquele que os próprios paulistanos cometem, principalmente relativo ao floreio de estilo. Esse costume dos paulistanos expressa sua insegurança cultural em relação ao colonizador.

Outra questão que Macunaíma lembra em sua carta é o infortúnio da colonização para o paulistano e, conseqüentemente, para o brasileiro. O herói aponta que o Brasil poderia retornar à situação colonial caso não se encarregarem das doenças e dos insetos. O personagem a explica como reação à possibilidade de um retorno do Brasil à situação colonial, tal como ressalta no trecho abaixo:

Porém, senhoras minhas! Inda tanto nos sobra, por este grandioso país, de doenças e insectos por cuidar!... Tudo vai num descabro sem comedimento, estamos corroídos pelo morbo e pelos miriápodes! Em breve seremos novamente uma colônia da Inglaterra ou da América do Norte!... Por isso e para eterna lembrança destes paulistas, que são a única gente útil do país, e por isso chamados de locomotivas, nos demos ao trabalho de metrificarmos um dístico, em que se encerram os segredos de tanta desgraça: **POUCA SAÚDE E MUITA SAÚVA, OS MALES DO BRASIL SÃO** (ANDRADE, 2017, p. 64. Grifo do autor.).

Segundo Gilberto Hochman e Nísia Trindade Lima (2004), a expressão destacada aparece como um dístico das campanhas a serem realizadas pela “gente útil do país”, os paulistanos. Ainda os nomeia de locomotiva, o que significa que havia na época a crença de que a população da cidade de São Paulo era fundamental para o crescimento do país. Era essa cidade e as pessoas que habitavam nela que trabalhavam de forma a prosperar.

Portanto, há uma exaltação do paulistano por parte de Macunaíma, o que não significa que esteja de acordo com as opiniões de Mário de Andrade. Segundo Manuel Cavalcanti Proença (1974), o autor apresenta na carta uma “incoerência dos que imitam essa linguagem desusada, intercalando, sem querer, trechos da linguagem falada no Brasil” (p. 173). Ainda que Andrade conhecesse a língua antiga e escrevesse também dessa forma, ele critica esse costume dos paulistanos.

4 Prostituição

A prostituição existe no Brasil desde a época da colonização e perdura até os dias de hoje. No entanto, essa profissão não foi criada nesse país, mas surgiu há milhares de anos. Há relatos de que em 1100 a. C. os assírios elaboraram as primeiras leis que continham regras de conduta para as prostitutas, porém não se sabe exatamente quando surgiu (AFONSO; SCOPINHO, 2013). Assim, certamente essa atividade chegou ao Brasil junto dos portugueses com a colonização.

As experiências de Macunaíma com as prostitutas contadas na carta demonstram o contraste com sua vida no mato (PROENÇA, 1974). Nesta, o herói satisfazia de forma inocente e selvagem seus desejos sexuais com as mulheres da tribo, ao passo que, na cidade, ele era obrigado a dar algo em troca, pois as mulheres citadinas não compreendiam o sexo como algo natural, que faziam por prazer. Macunaíma conta para as Icamiabas que: “as donas de cá não se derribam a pauladas, nem brincam por brincar, gratuitamente, senão que a chuvas do vil metal” (ANDRADE, 2017, p. 63).

Segundo Borges, Lima, Pinheiro e Tresoldi (2017), as mulheres paulistanas são descritas por Macunaíma como grandes conhecedoras do sexo e cujos atributos aprenderam com as “mestras de França”. Ele indica que:

São sempre alvíssimas, as donas de cá; e tais e tantas habilidades demonstram no brincar, que enumerá-las, aqui seria fastiando porventura; e, certamente, quebraria os mandamentos de discricção, que em relação de Imperator para súbditas se requer (ANDRADE, 2017, p. 64).

No trecho acima, há a afirmação de Macunaíma de que as paulistanas têm muitas habilidades relativas às relações sexuais. Por isso, ainda que não sejam habilidades discretas, o herói julga que as Icamiabas deveriam aprendê-las com as paulistanas.

Nós, nos parece, ilustres Amazonas, que assaz ganharíeis em aprenderdes com elas, as condescendências, os brincos e passes do Amor. Deixaríeis então a vossa orgulhosa e solitária Lei, por mais amáveis mesteres, em que o Beijo sublima, as Volúpias encandecem, e se demonstra gloriosa, urbi et orbe, a subtil força do Odor di Fêmia, como escrevem os italianos. (ANDRADE, 2017; p. 59).

De forma rebuscada, o Imperador e autor da Carta conta às suas súditas como elas se transformariam, caso aprendessem a arte das prostitutas. Essas possuíam “o cérebro nas partes pudendas e [...] o coração nas mãos” (ANDRADE, 2017, p. 66), ou seja, racionalizam o prazer

e os desejos sexuais (BORGES; LIMA; PINHEIRO; TRESOLDI, 2017). Portanto, Macunaíma expressa de forma positiva a atuação das prostitutas, ainda que ele não consiga refletir sobre toda aquela novidade a que estava sendo apresentado da cidade. Isso não significa que o autor da obra, Mário de Andrade, tenha a mesma visão do personagem. Na realidade, há uma crítica de Andrade com relação a muitos aspectos da cidade paulistana, uma vez que Macunaíma sente-se admirado, sem realizar críticas àquela realidade.

5 Conclusão

Este trabalho teve a intenção de discutir a relevância e o mérito do capítulo IX da obra “Macunaíma: o herói sem nenhum caráter” para toda obra e para o seu autor, Mário de Andrade. Esse capítulo, encontrado na metade do livro, é uma carta escrita pelo personagem principal a suas conterrâneas. Houve muita crítica na época pelos pares de Andrade, pois a forma de escrita mudou completamente. O livro é todo escrito de maneira coloquial, em que o autor dispõe palavras do tupi, língua do personagem principal, porém a carta apresenta uma escrita no português mais formal e antigo.

Assim, Mário de Andrade responde a essas críticas por meio de uma correspondência a seu amigo Manuel Bandeira:

Quanto ao caso da Carta às Icamabas, tem aí um milhão de intenções. As intenções justificam a carta, porém não provam que ela seja boa, é lógico e reconhecido. Macunaíma como todo brasileiro que sabe um pouquinho, vira pedantíssimo. O maior pedantismo do brasileiro atual é o escrever português de lei: Academia, Revista de Língua Portuguesa e outras; Rui Barbosa, etc. desde Gonçalves Dias. (...) Escreve pois pretensiosíssimo e irritante. Por que escreve? única e tão somente pra pedir dinheiro. Coisa que já serve de provérbio a respeito de brasileiro que mora no estrangeiro: pedir dinheiro pros patrícios em viagem. Isso pode ser vezo de outras raças também, pouco me importa, coincidência não prova que isso não é bem brasileiro. (Carta de Mário de Andrade à Manuel Bandeira *apud* PROENÇA, 1974, p. 174.)

Mário de Andrade explica, então, que a carta tem sim um propósito de estar ali. Pela fala de Andrade, o maior propósito foi de fazer uma crítica à sociedade brasileira. A própria escrita da carta por Macunaíma já é uma crítica, pois ele quer mostrar o quanto ele aprendeu da cultura da cidade nas duas línguas: escrita e falada. Além disso, apresentar esse conhecimento para as Icamabas, analfabetas, é uma forma de superioridade.

As primeiras críticas são referentes à distinção da escrita pra fala na sociedade brasileira e o fato das pessoas se acharem superiores às outras por saberem escrever, principalmente se a escrita for refinada, como Macunaíma tenta fazer. Assim como o autor da carta, muitos brasileiros têm a intenção de escrever da forma antiga, quinhentista, mas não conseguem, o que torna o texto cômico, como a carta em questão. Ademais, Mário de Andrade, em sua correspondência à Manuel Bandeira, também cita o pedido de dinheiro às Icamabas como uma crítica aos brasileiros no exterior, que não conseguem se sustentar sozinhos.

Igualmente, ao tratar das prostitutas na Carta às Icamabas, o autor faz uma crítica ao modo que essas mulheres são tratadas pela sociedade. Elas são abordadas a partir de uma

objetificação sexual pela parte dominante da sociedade na época, ou seja, pelos homens. Isso já é por si só uma crítica à sociedade machista dos anos 1920 em São Paulo, porém ainda há a questão do indígena, Macunaíma, querer levar essa visão para sua tribo. Como visto, o herói expressa sua vontade de que as Icamíabas que elas aprendessem os costumes das prostitutas para satisfazer ainda mais os desejos dos homens da tribo.

Segundo Borges, Lima, Pinheiro e Tresoldi (2017), Macunaíma adquire a habilidade de negociação de culturas, hibridiza-se. Embora, sua chegada à cidade de São Paulo tenha sido de difícil adaptação pela grande quantidade de novidades que ele teria que assimilar, a carta apresenta uma conciliação entre o mato-virgem e a cidade, um ressignificado da cultura citadina que o agrada. Assim, podemos até mesmo falar em uma miscigenação entre as culturas.

Dessa forma, foi possível notar a relevância da carta para a obra e para o autor. Ainda que o livro todo seja uma forma de crítica à aproximação entre as culturas do branco colonizador com o negro indígena no Brasil, a carta é uma forma de apresentar tal crítica aos olhos do próprio indígena, já que a narração é feita por uma terceira pessoa. A carta também apresenta outras críticas à própria sociedade paulistana, apesar de Macunaíma ter se encantado por vários de seus aspectos.

Referências

- AFONSO, Mariana Luciano; SCOPINHO, Rosemeire Aparecida. Prostituição: uma história de invisibilidade, criminalização e exclusão. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO*, 10., 2013, Florianópolis. **Anais Eletrônicos**. Disponível em: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1372969868_ARQUIVO_verseofinalparafazendogenero.pdf . Acesso em: 10 jun. 2020.
- ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**: o herói sem nenhum caráter. 10. ed. Brasília: Edições Câmara, 2017. cap. IX, p. 56-66. ISBN 978-85-402-0658-8. Disponível em: <http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/34839>. Acesso em: 7 maio 2020.
- BORGES, Mariana Toledo; LIMA, Camila Teixeira; PINHEIRO, Hyury; TRESOLDI, Maria Caroline Marmerolli. A razão macunaíma: um Brasil entre Brasis. **Periódico UNIFAP**, Macapá, v. 7, ed. 3, p. 263-282, 2017. DOI: 10.18468/letras.2017v7n3.p263-282. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/viewFile/3597/pdf>. Acesso em: 12 maio 2020.
- FONSECA, Maria Augusta. A Carta pras Icamíabas. *In: ANDRADE, Mário de. **Macunaíma o herói sem nenhum caráter***. (Ed. crítica de Telê P. Ancona Lopez). Unesco. Coleção Archivos, 1988 (1ª. ed.), pp. 278-294.
- HOCHMAN, Gilberto; LIMA, Nísia Trindade. “Pouca saúde e muita saúva”: sanitarismo, interpretações do país e ciências sociais. In: HOCHMAN, G., and ARMUS, D., orgs. Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. História e Saúde collection, pp. 492-533. ISBN 978-85-7541-311-1. Available from SciELO Books.
- MORAES, M. A. **Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira**. São Paulo: EDUSP/IEB, 2000.
- PROENÇA, Manuel Cavalcanti. **Roteiro de Macunaíma**. 3 edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.